

Esther Mucznik

# AUSCHWITZ UM DIA DE CADA VEZ

«A cada dia preferia morrer... e a cada dia  
lutava para sobreviver.» Shlomo Venezia, sobrevivente

a esfera  dos livros

# ÍNDICE

Introdução . . . . .	11
Nota ao Leitor . . . . .	15
I – O universo concentracionário nazi . . . . .	17
II – Auschwitz, epicentro da indústria de morte.. . . .	47
III – As SS em Auschwitz: os homens e a máquina.. . . .	65
IV – Quem eram os prisioneiros de Auschwitz?.. . . .	85
V – «A destruição pelo trabalho» . . . . .	105
VI – Fome, esperança de vida e «muçulmanização» . . . . .	115
VII – O «Canadá»: roubo e corrupção . . . . .	121
VIII – As mulheres em Auschwitz: o inferno no feminino . . . . .	129
IX – O «campo das famílias» de Birkenau e a estranha história do gueto de Theresienstadt . . . . .	151
X – Stella Müller, uma menina salva por Oskar Schindler .. . . .	171
XI – Vidas mutiladas: experiências médicas em Auschwitz . . . . .	187
XII – Birkenau e a «Solução Final»: do muro da morte às câmaras de gás.. . . .	205
XIII – <i>Sonderkommando</i> , os prisioneiros das cinzas . . . . .	225
XIV – A (improvável) Resistência . . . . .	241
XV – Sobreviver em Auschwitz . . . . .	261
XVI – Sobreviver após o retorno . . . . .	273
Epílogo – «Não nos esqueçam!» . . . . .	293

Cronologia geral do complexo de Auschwitz.. .. .	301
Glossário .. .. .	309
Notas. .. .. .	313
Bibliografia. .. .. .	323
Nota final .. .. .	327

## INTRODUÇÃO

Fui a Auschwitz pela primeira vez a 27 de Janeiro de 1994, quarenta e nove anos depois da libertação do campo. Entre os muitos membros de parlamentos nacionais, governos e Parlamento Europeu que participaram na viagem encontrava-se Simone Veil, à época ministra de Estado de França. Era a primeira vez que esta sobrevivente de Auschwitz-Birkenau voltava ao local para onde fora deportada pelos nazis a 13 de Abril de 1944.

Simone Jacob – era este o seu apelido de solteira – chegou a Auschwitz com a idade de 16 anos, acompanhada pela mãe Yvonne e pela irmã Madeleine. A família fora apanhada pela Gestapo em Nice e levada para o campo de Drancy, perto de Paris, um dos três maiores campos da Europa de reagrupamento dos prisioneiros, antes de serem deportados pelos nazis. O pai e o irmão, Jean, foram enviados para um campo na Lituânia de onde nunca regressaram, e Simone, a mãe e a irmã para Auschwitz-Birkenau, onde chegam a 15 de Abril à noite. Seguindo o conselho de um prisioneiro, na selecção inicial, Simone afirma ter 18 anos, de forma a evitar, ou pelo menos adiar, as câmaras de gás. O número da matrícula tatuado no seu braço é 78 651 e o trabalho a que é forçada consiste em descarregar pedras de camiões, cavar trincheiras e aplanar o solo.

Meses mais tarde, perante a chegada iminente do Exército soviético, os alemães obrigam os prisioneiros a abandonarem Auschwitz, levando-os no que ficou conhecido como as «Marchas da Morte» até ao campo de Bergen-Belsen, na Alemanha. A sobrelotação deste campo e a falta de higiene e de cuidados médicos provocam uma terrível epidemia de tifo que contamina

a mãe e a irmã de Simone: a primeira morre a 15 de Março de 1945, e a irmã salva-se por um triz, devido à chegada das tropas britânicas a 15 de Abril de 1945.

Simone sobrevive e chega a França a 23 de Maio, com a irmã Madeleine. A elas junta-se a outra irmã, Denise, que entrara aos 19 anos na Resistência, tendo sido deportada para o campo de Ravensbrück. As três são as únicas sobreviventes de uma família que antes da guerra contava com seis pessoas.

Nessa manhã gélida de 27 de Janeiro de 1994, Simone Veil regressava pela primeira vez ao campo onde enterrou a adolescência. O seu rosto fechado não revelava nem emoção, nem tristeza. Pressionada pelos jornalistas, manteve-se em silêncio a maior parte do dia. Mas no final da tarde, numa cerimónia solene e muito emotiva junto do Memorial Internacional de Auschwitz-Birkenau, a tensão daquela jornada acabou por explodir depois das palavras do bispo polaco dissertando sobre os «holocaustos» que aconteciam pelo Mundo fora... Era quase noite, o frio intenso, e estávamos perto dos antigos crematórios e câmaras de gás. Simone Weil não se conteve: «Holocaustos? Como pode o senhor falar em holocaustos no abstracto e no plural, *neste* dia e *neste* local, onde foram assassinadas mais de um milhão de pessoas, entre as quais centenas de milhares de crianças?»

Não me lembro da resposta, se resposta houve. Mas ao longo destes vinte anos, e apesar de ter voltado várias vezes a Auschwitz e visitado muitos outros campos de concentração e extermínio, nunca me esqueci daquela tarde no maior e mais sinistro cemitério do Mundo em que a ministra de Estado despiu o manto oficial e falou por todos aqueles que nunca conheceram uma sepultura.

Numa coisa o bispo tinha razão: o «nunca mais» não aconteceu. Novos genocídios e massacres aconteceram e continuam, infelizmente, a acontecer. Tal como as tentativas de minimizar, relativizar ou diluir o Holocausto. Mas, por muito trágicos e terríveis que sejam todos os acontecimentos que marcaram a segunda metade do século xx e até hoje, aquilo que imprópriamente se designou como Holocausto só teve lugar uma vez: para percebermos isso temos de ir à raiz do acontecimento, analisar o contexto em que se desenrolou, compreender os seus mecanismos, as suas características inéditas e sem precedentes.

O propósito deste livro é contribuir para esse fim, através da descrição e análise do funcionamento daquele que se tornou o símbolo máximo de

um projecto sem precedentes de aniquilamento de uma parte da Humanidade: Auschwitz-Birkenau. Outros campos, como Treblinka ou Sobibor, partilharam com Birkenau a sua imensa e inédita capacidade destrutiva. Mas de todo o universo concentracionário nazi, é certamente Auschwitz que melhor espelha a política racial e os valores do Estado de Hitler e Himmler: foi aí que a dinâmica nazi de destruição humana atingiu o seu ponto culminante, aí também que o processo – concentração, extorsão, trabalho escravo e extermínio – foi, de longe, o mais «perfeito». Ouviremos a voz das vítimas e dos carrascos, o insuportável silêncio das crianças massacradas, das mulheres e homens violentados em bárbaras experiências «médicas». Tentaremos entender de que é feita a extraordinária capacidade de sobrevivência humana e, parafraseando Primo Levi, por que razão uns sucumbem e outros se salvam. E finalmente, como seres humanos «normais» de um mundo «normal» puderam criar o mais monstruoso dos planetas destinado a homens, mulheres e crianças a quem foi negado o direito a partilhar a espécie humana...

Por quê um livro assim? Porque nem tudo ainda foi escrito, nem o será nunca. A história do Holocausto, como a de outros acontecimentos históricos, nunca é definitiva. Escrita no presente, ela altera constantemente a abordagem do passado. E apesar de todos os trágicos acontecimentos que se têm verificado nestes últimos setenta anos, o Holocausto continua a ser um acontecimento inédito na História humana: se nos quisermos compreender como pessoas e como europeus, o conhecimento desse momento negro do nosso século xx é indispensável.

Como referiu Imre Kertész no seu discurso de atribuição do Prémio Nobel em 2002: «O problema de Auschwitz não é o de saber se devemos manter a sua memória ou metê-la numa gaveta da História. O verdadeiro problema de Auschwitz é a sua própria existência e, mesmo com a melhor vontade do mundo, ou com a pior, nada podemos fazer para mudar isso.»

# I

## O UNIVERSO CONCENTRACIONÁRIO NAZI

Quando Geoffrey Megargee e Martin Dean, investigadores do Museu do Holocausto dos EUA e editores da *Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*<sup>1</sup>, iniciaram no ano de 2000 os estudos sobre o número de guetos e campos nazis na Europa ocupada por Hitler, a expectativa de descoberta rondava os 7000. Mas o número final a que chegaram, em 2013, ultrapassa de longe tudo o que até então se podia pensar: 42 500 guetos e campos em toda a Europa ocupada, da França à Rússia, incluindo a Alemanha. Os campos documentados incluem não só os centros de extermínio, mas também os campos eufemisticamente chamados de «reeducação» – nos quais eram «tratados» os opositores de todas as origens –, os campos de trabalho escravo para o esforço de guerra alemão, os campos de prisioneiros de guerra e os centros onde mulheres grávidas «não-arianas» eram obrigadas a abortar ou os seus bebés mortos à nascença, assim como bordéis onde eram obrigadas a ter sexo com militares alemães.

A investigação levada a cabo pelos dois investigadores aponta para os seguintes números: 30 000 campos de trabalho escravo; 1150 guetos para judeus; 980 campos de concentração; 1000 campos de prisioneiros de guerra; 500 bordéis de escravas sexuais; e milhares de outros centros utilizados para a «eutanásia» de idosos e doentes, abortos forçados, «germanização» de crianças raptadas para serem educadas como alemãs, ou de reagrupamento de vítimas para centros de extermínio. Só em Berlim, os investigadores documentaram 3000 «casas de judeus» onde estes eram confinados, e cerca de 1300 em Hamburgo.





O mapa que os investigadores criaram para identificar os guetos e os campos mostra uma Europa marcada por inúmeros pontos negros de morte, tortura e escravidão – maioritariamente centrados na Alemanha e na Polónia, mas espalhando-se em todas as direcções. «A maioria das pessoas ouviu falar de Auschwitz, Dachau ou Buchenwald», afirma Geoffrey Megargee, «mas o que as pessoas não sabem é que estes e outros campos tinham dezenas, centenas e às vezes até milhares de campos dependentes.» O que, na sua opinião, torna pouco crível a alegação largamente generalizada de desconhecimento da existência dos espaços concentracionários.

### 1933-1936: Os campos de concentração como meio de repressão política

Os primeiros campos de concentração foram criados logo após o estabelecimento do regime nazi em 1933 e correspondem à ascensão e consolidação do seu poder. Nesta primeira fase, destinavam-se sobretudo aos presos políticos alemães, adversários do regime, e em Julho de 1933 já estavam presas cerca de 27 mil pessoas em cerca de setenta campos sob o que era apelidado de «custódia protectora». O objectivo desses campos era liquidar a oposição política, isolando-a e quebrando a sua resistência. Nasceram por toda a Alemanha quase espontaneamente nos locais mais diversos: caves, estádios, fábricas abandonadas. Estavam normalmente sob a autoridade das SA – *Sturmabteilung* («Divisões de Assalto»), milícia ao serviço do partido nazi, já treinada na violência exercida contra a República de Weimar<sup>2</sup>.

Com efeito, logo um mês depois da sua chegada ao poder, os nazis implementaram medidas drásticas contra os que se opunham ao regime, nomeadamente depois do incêndio do *Reichstag*<sup>3</sup>. Estas medidas permitiam ao governo a detenção por tempo ilimitado e sem julgamento de todos os que eram classificados como «inimigos do povo e do Estado», e eram parte dos decretos de emergência que aboliram os direitos democráticos fundamentais. Sebastian Haffner, opositor alemão, conta nas suas *Memórias*: «O terror de 1933 foi exercido por uma turba sedenta de sangue (a saber as SA – nessa altura as SS não desempenhavam o papel que teriam mais tarde). (...) O quadro observado do exterior era o do terror revolucionário: uma população selvagem e desenfreada irrompia de noite pelas casas e arrastava vítimas indefesas para caves, onde as torturava. O processo

interno consistia num terror repressivo: gestão administrativa friamente calculada, total cobertura policial e militar. (...) O que aconteceu foi uma total inversão dos conceitos normais: ladrões e assassinos que actuavam como polícias em pleno exercício da autoridade do Estado, tratando as vítimas como criminosos e proscritos, de antemão condenados à morte.»<sup>4</sup>

Ao longo do ano de 1934, as SS – *Schutzstaffel* («Esquadrão de Protecção»), comandadas por Heinrich Himmler, foram assumindo progressivamente o controlo da máquina de terror dos campos e Theodor Eicke, general e dirigente das SS desde 1930, foi nomeado inspector-geral dos campos de concentração e comandante do corpo das SS responsável pelos mesmos. Este sinistro organismo tornou-se conhecido pela alcunha de «caveira», por causa do símbolo de uma caveira que os seus membros arvoravam na lapela. Treinado para obter o máximo de disciplina no tratamento dos prisioneiros considerados como inimigos do Reich, ficou célebre pela sua extrema brutalidade. O lema que Eicke impunha aos seus comandantes era «A tolerância é sinal de debilidade», incentivando uma política de terror individual e colectivo, segundo a qual todos os direitos como seres humanos eram abolidos, incluindo a duração totalmente arbitrária e imprevisível do seu cativeiro. Publicitada pelo regime com vista a paralisar a oposição interna, a existência destes campos e do terror que aí reinava criou um clima de medo entre a sociedade civil alemã. Haffner confirma: «Os rumores sussurrados às escondidas de “Tenha cuidado, amigo! Sabe o que aconteceu a X?” quebravam qualquer oposição de uma forma muito mais eficaz.»

Nos seus *Diários*, Victor Klemperer também dá conta desse clima de medo. No dia 22 de Março de 1933 escreve: «A Sr.<sup>a</sup> Wiechmann esteve aqui em casa. Conta como todos se curvam perante a suástica na sua escola, em Meissen, todos com medo de perder o emprego, observando-se e desconfiando uns dos outros. Um jovem de suástica aparece na escola para resolver um assunto oficial qualquer. Imediatamente, uma classe de alunas de 14 anos começa a cantar a canção de Horst Wessel – hino oficial do partido nazi<sup>5</sup>. É proibido cantar no corredor e a Sr.<sup>a</sup> Wiechmann está encarregada da supervisão. É preciso proibir essa cantoria, insistem as suas colegas. Proíbam *vocês!* Se eu proibir *essa* cantoria, vão dizer que interfeiri numa canção nacional e vou para o olho da rua! As meninas continuam a cantar...»<sup>6</sup>